

Dramaturgia em trânsito midiático: A expansão do universo narrativo da websérie *Stufana*.

Diego Luiz Silva Gomes de Albuquerque¹ (UFBA)

...

Resumo:

Na tentativa de escrever uma narrativa a partir do gênero sci-fi, o Grupo de Estudos de Artes Cênicas do Projeto Tela Teatro da Fundação Joaquim Nabuco Recife – PE que tem a dramaturgia como fio condutor dos processos a fim de investigar o hibridismo das linguagens. Com isso, os grupos produziram um experimento centrado na ideia de uma suposta cidade cristal, coberta por um domo de aço e vidro, construída no cerrado brasileiro, assim surge a websérie ‘Stufana’. A série contém cinco episódios; desdobrados em nove para a internet. Para expandir esse universo narrativo, os grupos escreveram um roteiro final que narra a volta dos habitantes para casa que foi convertido em leitura dramática e uma radionovela. A proposta do artigo é fazer uma breve comparação das alterações de cada texto, observando as estratégias para cada suporte midiático.

Palavras-chave: Dramaturgia, Hibridismo, Comparação.

1 Introdução

Considerado um mecanismo altamente popular entre os meios de comunicação como o rádio, o cinema, a TV e as histórias em quadrinhos, a ficção científica (FC) vem ao longo dos séculos se firmando como um ramo literário capaz de atrair sectários sedentos por histórias futuristas, especulações sobre a ciência, viagens interplanetárias, culturas alienígenas entre outros assuntos ligados a princípios científicos.

Segundo Otero (1987, p.23), é quando o homem começa a imaginar coisas que não existem na sua época que nasce à ficção científica. A fascinação por esse estilo se deve graças à imaginação, proponente essencial para a criação de grandes histórias com lapsos de tempo e espaço, adaptações de realidade sobre sociedades ou indivíduos enredados com reflexões acerca dos riscos e benefícios da ascensão e impacto da ciência no mundo. As modificações e transformações sofridas pelas sociedades foi um dos fatores que impulsionaram o crescimento desse gênero e, “com o progresso da ciência e da tecnologia, o modo de encarar o mundo e o futuro do ser humano foi radicalmente transformado (Schoereder, 1986, p.14)”.

O interesse fundamental da FC, afirma David Allen (1974)

Encontra-se na relação entre o homem e sua tecnologia e entre o homem e o universo. A ficção científica é uma literatura de mudança e uma literatura do futuro, e embora seja tolo afirmar que a ficção científica é um gênero literário de grande importância, os aspectos da vida humana que ela considera tornam-na leitura e estudo de muito valor - pois nenhuma outra forma literária faz exatamente as mesmas coisas (p.223).

Apesar de ser um gênero novo, visto que se desenvolve no século XIX, a FC produziu grandes escritores e obras fundamentais para a Literatura Mundial construindo assim uma escrita peculiar baseada em vários conceitos de diferentes áreas de conhecimento como a Astronomia, a Física, a Matemática, a Química e a Biologia. Estes autores se preocupavam, através de seus escritos, trazer para a humanidade diferentes possibilidades dramáticas sobre o enfrentar do homem

ao avanço da tecnologia, como também vislumbrar o futuro com esta.

Assim nasce uma maneira específica de se pensar a ciência, percebe-se que os autores ao adotar este estilo se preocupavam em trazer para a humanidade diferentes possibilidades dramáticas sobre o enfrentar do homem ao avanço da tecnologia, além de claro, muitas vezes, antever inúmeros equipamentos que utilizamos atualmente tais como a televisão, o computador e diversos instrumentos eletrônicos. Com isso, a FC se torna um dos mais populares gêneros da literatura e do cinema arrebatando aficionados apaixonados pelas temáticas originando grupos de discussão, leituras e pesquisas que produzem também seus próprios trabalhos.

O estilo se firma no Brasil somente a partir da década de 60 graças a um editor baiano Gumercindo Rocha Dorea, difundindo trabalhos de autores, consagrados no gênero, como André Carneiro e Braúlio Tavares, surgindo assim a Geração GRD. Segundo Ginway (2005) a escrita brasileira, mesmo sendo fortemente influenciada por escritores internacionais, aos poucos vai se construindo uma ficção científica brasileira. Desta forma, acredita a autora que a função da FC no Brasil é “em parte, capturar a avassaladora experiência de mudança e, por causa disso, uma de suas características persistentes é a referência aos mitos da identidade nacional” (Ginway, 2005, p.17.). Assim, afirma também que é comum encontrar nas diversas obras de ficção científicas temas centrados como ecologia, a mulher e a democracia social que levantam questões sobre o contexto social do país.

Com a tentativa de criar uma narrativa a partir do gênero *sci-fi*, o Grupo de Estudos de Artes Cênicas (Dramaturgia e Trabalho do Ator) do Projeto Tela Teatro da Fundação Joaquim Nabuco Recife – PE, desenvolveu um universo ficcional centrado numa suposta cidade de cristal, construída no cerrado brasileiro onde seus habitantes ficariam isolados por cinquenta anos a fim de descobrirem saídas para os problemas que a humanidade enfrentaria no terceiro milênio, assim nasce o projeto PROBESH – Protótipo Prospectivo Biodomo Estufa Humana, ‘popularmente’ conhecido como **Stufana**.

A série escrita para a internet contém cinco episódios, desdobrado em nove para web, que narra às primeiras histórias de nove habitantes da cidade no mundo exterior e um sexto episódio – não gravado convertido em leitura dramática e radionovela contando a volta deles para casa. Segundo Allen (1974, p.239), existe seis fatores de uma obra literária de FC que podem ser facilmente analisados: personagem, enredo, trama, ponto de vista narrativo, cenário e estilo. Entretanto, o enredo é o primeiro aspecto que merece mais atenção, visto que é “o esqueleto básico que mantém unido todos os elementos (p.239)”.

Como integrante do núcleo de dramaturgia, tive uma participação intensa nos processos de criação e produção, adquirindo diversas funções, tais como: roteirista, assistente de produção e direção, produtor, ator, figuração, *still*. Assim como a responsabilidade por escrever o diário de campo sobre cada gravação da websérie e, acompanhar também todos os ensaios da leitura dramática e da radionovela. Em vista disso, o artigo fará uma breve uma breve comparação das alterações de cada texto, observando as estratégias para cada suporte midiático.

2 O Projeto TelaTeatro e Stufana

Com a iniciativa de fazer uma introdução prática e investigativa à interpenetração de linguagens que lidam com a narrativa, em 2009, foram criados dois Grupos de Estudos em Artes Cênicas, um sobre dramaturgia e o outro o trabalho do ator, coordenado pelo dramaturgo e videasta Luiz Felipe Botelho, dentro do Projeto TelaTeatroⁱⁱ da Diretoria de Cultura/ Massangana Multimídia Produções (MMP) pela Fundação Joaquim Nabuco, Recife- Pernambuco. A proposta inicial dos grupos era ampliar os estudos de dramaturgia obtidos no curso *Dramaturgia na fronteira das linguagens*, realizado em 2008, também promovido pela FUNDAJ.

Um curso introdutório com enfoque prático, que pretende unir o exercício da escrita teatral com uma investigação acerca das conexões entre atividades que também se valem de referências dramáticas. Assim, serão observados aspectos que distinguem, mas que, sobretudo, revelam interpenetrações entre linguagens diversas, abrangendo desde as práticas dos contadores de histórias, passando pelo teatro, arte seqüencial, cinema e televisão, até os RPGs, jogos eletrônicos e desdobramentos transmidiáticos (BOTELHO, 2008).

Os estudos basilares do projeto se basearam em um tipo de criação intitulada pelo professor norte-americano Henry Jenkins de “narrativa transmidiática”, que significa

Uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de parque de diversões. (JENKINS, 2009, p.138).

Como podemos perceber as experiências transmídias do curso vão de encontro às ideias de Jenkins, visto que aqui é o mesmo texto que vai se transportando para outras mídias. Por existir ainda muita confusão conceitual sobre esse assunto, prefiro denominar que são narrativas em trânsito midiático, visto que um mesmo texto transita de uma mídia para outra. Outro teórico que discute bem esse conceito é o norte-americano David Bordwell (2009), quem corrobora com esse pensamento:

Transposições são como traduções, reescrituras e adaptações literárias, como qualquer um romance que se torna um jogo. A transposição também acontece quando o texto original é podado ou comprimido... O trabalho derivado expande o original quer em estilo ou em material narrativo. Outro tipo de transposição ocorre quando os eventos da história no original são prestados através de técnicas literárias. A condição de ser uma narrativa transmídia é, evidentemente, que ela atravessa as mídias. Toda a área que chamamos de adaptação é uma questão de histórias passadas entre os meios de comunicação (2011, tradução minha).

A partir de exercícios de práticas de escrita dramatúrgica, o curso buscava unir a escrita teatral a uma investigação acerca de conexões com diferentes tipos de narrativas, como a de quadrinhos, cinema, TV, entre outras. Através do gênero melodramático, os grupos numa criação dramática conjunta desenvolveram ‘*Stufana*’ uma adaptação de um projeto científico ficcional chamado Projeto PROBESH,

sigla que significa **Protótipo Prospectivo Biodomo Estufa Humana**. Esse projeto foi desenvolvido com base na hipótese de que, se a Terra é um microcosmo bem delimitado, será possível analisar problemas e soluções para o planeta através da observação de um contexto similar, de menor proporção, igualmente fechado e delimitado. (BOTELHO, 2009, grifo do autor).

A função de qualquer biodomo é recriar através de uma espécie de estufa os quatro ecossistemas, ou seja, uma simulação desses ambientes naturais para que possam observar as interações entre os animais e as plantas. Um exemplo de biodomo é o Montreal, localizado em Quebec no Canadá, que além de da preservação da natureza,

é o lar de milhares de plantas e animais vivos, preserva e apresenta em conformidade com um rigoroso código de ética. Ele também participa de programas nacionais e internacionais para a recuperação de espécies ameaçadas e para a preservação de áreas naturais sensíveis. (SPACE POUR LA VIE MONTRÉAL, s.a., tradução minha).

Esse biodomo significa ‘casa da vida’ e se compromete em divulgar os benefícios do desenvolvimento sustentável no mundo. Assim, o projeto PROBESH partindo de um princípio semelhante constrói uma cidade de cristal coberta por um domo de aço e vidro construído no

cerrado brasileiro com o objetivo de isolar seres humanos por cinquenta anos para que através de experiências esses habitantes descobrissem saídas para os problemas da humanidade no terceiro milênio.

A eleição da ficção científica, se deve ao fato de que suas temáticas

se preocupam com as consequências de mudanças em seres humanos; esta mudança pode ser ocasionada pela pura extrapolação de conhecimento científico corrente, para seu desenvolvimento lógico no futuro próximo. (...) Seja o que for que ocasione uma mudança nas condições da vida, do ambiente, ou da mente, a ficção científica está principalmente preocupada em examinar as consequências dessa mudança (ALLEN, 1974, p.236).

É com a exploração e experiências desses habitantes fora da cidade de cristal que é desenvolvida a série. De acordo com Allen (1974) um passo importante para se construir o sentido de verossimilhança na ficção científica se inicia pelo começo da obra e, deve acontecer gradativamente dentro do enredo da história. Este método é essencial e, usado frequentemente nas obras de ficção científica, visto que

O escritor de ficção científica necessita, antes de mais nada, desenvolver o cenário, apresentando os detalhes importantes da história, só depois partindo para os personagens. (...) é necessário que os costumes e padrões do meio ambiente cultural no qual este personagem vai agir estejam bem definidos, em primeiro lugar, caso contrário não será possível definir o personagens (SCHOEREDER, 1986, p.12).

A definição de um enredo é essencial, visto que,

Uma boa história de ficção científica geralmente lida com uma sociedade que nunca existiu. (...) Tem que ser construída em seus pormenores, sem que haja contradição interna, mesmo enquanto o enredo estiver se desenrolando. Deverá ser tão interessante como o enredo da história e prender a atenção do leitor de maneira tão forte como esse enredo. (ASIMOV, 1984, p. 75)

Desta feita, os estudiosos afirmam que na ficção científica se torna necessário a definição dos costumes e do meio em que esses personagens irão agir, pois assim não será possível haver uma aceção clara dos personagens. Com isso, “o escritor de ficção científica deve aprender os truques da profissão, como por exemplo, a maneira de interligar o meio social e o enredo.” (ASIMOV, 1984, p. 48). De forma a construir o enredo da série, os grupos criam um exercício de improvisação a fim de colher as informações necessárias para a criação da narrativa.

3 A construção dramática da websérie

A construção da websérie nasce entre uma dinâmica entre os grupos dos atores e dramaturgos e também com a participação do público a fim de gerar informações sobre aquele universo ficcional. Assim, as etapas podem ser divididas em: A entrevista, a criação dos personagens e a construção dos roteiros.

Na entrevista a proposta era colher informações sobre o universo fictício de *Stufana* em um trabalho que integrasse dramaturgo, ator e público. O coordenador lança um desafio para os dramaturgos, à criação de três personagens habitantes da cidade e, estes dariam uma entrevista aberta ao público, narrando a experiência de viverem isolado por cinquenta anos. Rose, Amadheu e Nina eram os representantes na abertura das portas de *Stufana* no dia oito de setembro de 2009. Já os atores foram desafiados, em um trabalho de improvisação, a representar esses personagens e responder às perguntas feitas pelo público e dramaturgos presentes. Ao final do exercício foi feita

uma roda para ouvir a opinião do público quanto à ideia proposta e a sensação dos atores em improvisar.

Após as impressões da entrevista, os atores partiram para a criação de seus personagens. O eixo teórico foi a partir do conceito de gesto psicológico de Michael Chekhov, em que o exercício dos atores era resumir em um único gesto o momento atual de seus personagens e criar uma epígrafe que descrevessem um pouco do momento em que se encontravam. Como por exemplo, a personagem “Avan” criada pela atriz Janaína Gomes na descrição e foto abaixo:

Sou uma jovem que não se lembra da própria infância. Não sei quem são meus pais. Adoro o mar e os pássaros. Quando posso, fico horas à sombra das árvores. Sou muito desconfiada e, se acontece de eu ficar de mau humor, posso causar transtornos e muitos desentendimentos. “É que tenho algumas habilidades paranormais”.



Fonte: BOTELHO (2009)¹

A partir dessas descrições dos atores, os dramaturgos foram divididos em núcleos para compor a narrativa de *Stufana*. O objetivo era gerar uma trama central, ligada à história dessa cidade fictícia que se desenvolvessem em múltiplas subtramas entre os personagens e, assim foram construídos os cinco episódios da série. O último episódio da série foi feito por uma proposta de encerramento do experimento, no desafio de ser escrito por todos os dramaturgos e por falta de financiamento foi convertido em radionovela e leitura dramatizada.

4 Análise dos episódios

De acordo com David Allen um passo importante para se construir o sentido de verossimilhança na ficção científica se inicia pelo começo da obra e, deve acontecer gradativamente dentro do enredo da história. Este método é essencial e, usado frequentemente nas obras de ficção científica, visto que

O escritor de fc necessita, antes de mais nada, desenvolver o cenário, apresentando os detalhes importantes da história, só depois partindo para os personagens. (...) é necessário que os costumes e padrões do meio ambiente cultural no qual este personagem vai agir estejam bem definidos, em primeiro lugar, caso contrário não será possível definir o personagens (SCHOEREDER, 1986, p.12).

O primeiro episódio da série é mais uma exposição da narrativa, introduzindo os personagens situando o expectador os primeiros passos da saída desses habitantes, seguindo o esquema proposto acima, visto que, antes de iniciar a história aparece uma narração que conta os fatos importantes sobre a construção da cidade e, o objetivo dos personagens, relatando que

Em 1959, cientistas de vários países construíram Stufana. Uma cidade experimental erguida

¹ As fotos dos demais personagens podem ser encontradas em <http://fronteirasdaslinguagens.blogspot.com.br>

no centro-oeste do Brasil. Protegida por uma cúpula de cristal, Stufana ficaria isolada do resto do planeta por cinquenta anos. Seu objetivo, encontrar alternativas que evitassem a progressiva destruição das condições de vida na terra. O tempo de isolamento está no fim. E a humanidade aguarda a abertura das portas de Stufana. O que ninguém sabe, porém, é que nove pessoas saíram secretamente da cidade dois anos antes da data prevista. Neste momento elas estão vivendo entre nós. (BOTELHO, 2010).

Para aceitar este tipo de ficção, relata Allen, o expectador precisa estar de mente aberta para poder suspender a sua incredulidade, visto que “a ficção científica estabelece as condições para a percepção de algum aspecto da realidade e permite a interação de elementos (estória, personagem, etc.) (1974, p.258)”. Assim quanto mais informação a pessoa tiver, mais provável será a aceitação.

Além disso, a construção do personagem serve também como um fator importante para verossimilhança. Assim, a série escrita para a internet contém cinco episódios, desdobrado em nove para web, em que o primeiro episódio apresenta os primeiros passos desses nove protagonistas e os subsequentes sua atuação no mundo exterior.

O episódio, dividido em dois para web, intitulado *Onze novas fora* retrata a dificuldade dos heróis Ávana, Céu, Marana, Minussi e, suas filhas Hannah e Sol, Vida, Latika e Khassim em sair do lugar onde nasceram com uma missão de desbravar um mundo desconhecido. Cada personagem possui uma característica tal qual a dos seres humanos: físicas, psicológicas, sociais e ideológicas que vão sendo delineadas na caminhada na floresta, apresentando anseios, desejos, dores, porém o que difere é o sentimento de inesperado já que sua visão é completamente limitada, visto que não tiveram nenhum contato além da cidade. Nesse episódio não nos é apresentado nenhum caráter que se distancie da humanidade.

5 A volta pra casa – O sexto episódio não gravado

Para expandir esse universo narrativo, e na tentativa de concluir esse processo, o coordenador propôs aos grupos que criássemos todos juntos um roteiro final para a série, contando a volta desses habitantes para a cidade. Por falta de recursos financeiros, o grupo decidiu contar a narrativa em forma de leitura dramatizada e radionovela. O roteiro nos formatos sofreram algumas mudanças como a introdução de um narrador, alterações nos diálogos, entre outros ajustes para ajudar na compreensão da narrativa. Na leitura, foi apresentada somente parte da história, deixando o final para o formato da radionovela.

Com isso, os atores se desafiaram a descobrir formas de como se contar esse roteiro, através de pequenas encenações que pudessem criar imagens através da voz, dos gestos e no ritmo como a história era representada. Os interpretes se dividiram para narrar às partes das rubricas, como pode-se ver no exemplo abaixo:

Sequência 1

Sonho de Marana.

(_____) PASSOS APRESSADOS NUMA FLORESTA. ALGUÉM É ESPANCADO. FLASHES DE ROSE E MARANA DORMINDO ANGUSTIADAS SE INTERCALAM ÀS CENAS. SANGUE. MÃOS SEGURANDO REVÓLVERES. PESSOAS NÃO IDENTIFICADAS LUTAM E SANGRAM. TIRO DE REVÓLVER. MARANA E ROSE ACORDAM CADA UMA EM SEU PRÓPRIO QUARTO, A PRIMEIRA EM MOGI DOS JUÍZES E A SEGUNDA EM STUFANA. (Botelho, 2010)

Observa-se que as cenas foram divididas em sequencias e, para que o público pudesse entender a história narrada, os dramaturgos se revezavam em um grande tabuleiro que correspondia

a floresta e moviam as peças que representavam os personagens para que a visualização da cena ganhasse mais força através da junção narração + tabuleiro. A leitura foi apresentada dentro do projeto “Leia-se Terça!” no dia 30 de agosto de 2011 no Espaço Muda, apresentando uma parte do roteiro, deixando o final da série em suspenso para que o final fosse revelado numa espécie de radionovela. Desta forma, a narrativa de *Stufana* ao transitar sua história por diversas mídias, comunga com o conceito de narrativa transmídia, pois segundo Scolari (2009), esse tipo de narrativa “é contada através de diversos meios e plataformas, podendo começar pela metade e continuar em outros”.

Já para a radionovela, o roteiro sofre algumas mudanças, tais como a introdução de um narrador, alterações nos diálogos, entre outros ajustes para que ajudem o expectador na compreensão da narrativa, tal qual

Sequência 1

É MADRUGADA. NO BAIRRO CENTRAL DE UMA GRANDE CIDADE, EM UM DOS QUARTOS DE UMA PEQUENA PENSÃO, MARANA ESTÁ DORMINDO PROFUNDAMENTE. MAS NÃO É UM SONO TRANQUILO. MARANA ESTÁ SONHANDO. NO SONHO ELA VÊ UMA MATA E UMA TRILHA POR ENTRE AS ÁRVORES. SEGUINDO POR ESSA TRILHA, UMA MULHER CORRE ASSUSTADA (SONS DE PASSOS, RESPIRAÇÃO RUIDOSA), ENQUANTO SOMBRAS SE ESGUEIRAM POR TRÁS DAS ÁRVORES. NOVAS IMAGENS APARECEM E SE ALTERNAM, OLHOS DESESPERADOS, LÁBIOS CONTRAÍDOS, UM HOMEM SENDO AMARRADO E ESPANCADO. MARANA SE CONTORCE ANGUSTIADA, MAS NÃO ACORDA. NESSE MESMO INSTANTE, A CENTENAS DE QUILOMETROS DALI, NA CIDADE DE STUFANA, ROSE ESTÁ TENDO O MESMO SONHO QUE MARANA. E AS IMAGENS ASSUSTADORAS CONTINUAM. TANTO ROSE QUANTO MARANA, SONHAM COM PESSOAS SENDO TORTURADAS. CENAS DE DOR E DE SANGUE. TRÊS VULTOS ENTRAM EM LUTA CORPORAL E, DE REPENTE... (TIRO DE REVOLVER). MARANA E ROSE ACORDAM CADA UMA EM SEU PRÓPRIO QUARTO, SEM SABER QUE COMPARTILHARAM O MESMO SONHO, MAS CERTAS DE QUE ALGO TERRÍVEL ESTAVA PARA ACONTECER.
(CRÉDITOS DE ABERTURA): PROJETO TELATEATRO APRESENTA “STUFANA” EPISÓDIO DE HOJE “O REENCONTRO”. (BOTELHO, 2010).

Aqui nota-se que a alteração era para que a dramatização pudesse ter uma sonoridade melhor para que estimule a imaginação do ouvinte a se fixar no enredo. Assim foram criados efeitos sonoros para que dessa mais vivacidade a história. Além disso, o narrador acrescenta em sua fala os créditos de abertura constando o nome da série e o do episódio. Para Botelho (2012) esse processo foi arriscado, visto que

Tivemos receio de que o experimento causasse algum desconforto nos presentes, afinal seriam quarenta minutos de "ação auditiva". Até deixamos as pequenas luzes da escada acesas, caso alguém quisesse sair. Mas, ao final da "exibição", não só ninguém saiu como foi interessante ouvir de muitos espectadores que teria sido melhor se a escuridão tivesse sido total. Seguiu-se um debate onde o foco foi a comparação entre a nossa época, com tantas telas em todos os lugares e um passado, nem tão distante assim, onde era o rádio que reinava pelo mundo afora.

A radionovela foi apresentada nos dias 30 e 31 de janeiro de 2012 no evento “Transitando na

Fronteira”, realizado pela Fundação Joaquim Nabuco e apoio dos Grupos para o lançamento do DVD Coleção Teatro vol. 2 que conta todo o percurso do Projeto TelaTeatro e também a exibição da série *Stufana*.

Conclusão

No começo do ano de 2012, o ciclo dos Grupos de Estudos de Artes Cênicas chega ao término, entretanto o Projeto TelaTeatro ainda continua com suas atividades dentro da FUNDAJ. Nesses três anos de atividades ininterruptas, além da série, outras atividades foram realizadas como o espetáculo teatral “Os que vivem dentro de Nós”. Todo o conteúdo dos grupos pode ser encontrado nos blogs, como também na forma de publicações, visto que o estudo da dramaturgia de ficção científica de “Stufana” é objeto de estudo da minha dissertação.

Referências Bibliográficas

ALLEN, David. *No mundo da ficção científica*. Tradução Antonio Alexandre Faccioli e Gregório Pelegi Toloy. São Paulo: Summus Editorial, 1974.

ASIMOV, Isaac. *No mundo da ficção científica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

BORDWELL, David. *Now Leaving from platform 1*. 2009. Disponível em: <http://www.davidbordwell.net/blog/2009/08/19/now-leaving-from-platform-1/>. Acesso em 17/06/2012.

BOTELHO, Luiz Felipe. *Sobre o projeto telateatro*. In: Coleção Teatro, volume dois, DVD um. [documentário]. *Produção de ÁGATA tecnologia digital, direção de Luiz Felipe Botelho. Recife: FUNDAJ, 2012. DVD, 4 min. Cor. Som.*

_____. *Onze nove fora - parte I*. In: *Coleção teatro vol. 2 - Stufana*. [Filme-vídeo]. Produzido por Ágata tecnologia digital, direção de Luiz Felipe Botelho. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 2012. DVD, disco 2, 9 min. Cor. Som.

_____. *O que é?* Recife, 07 de julho de 2008. Disponível em: <http://fronteiradaslinguagens.blogspot.com.br/2008/07/o-que.html>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

_____. *Orientações - Instruções de uso*. Recife: FUNDAJ, 2009.

_____. *Por que Stufana?* Recife, 02 de setembro de 2009. Disponível em: <http://fronteiradaslinguagens.blogspot.com.br/2009/09/por-que-stufana.html>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

_____. *A entrevista 2 – Ajustes finais*. Recife, 11 de setembro de 2009. Disponível

em: <http://fronteradaslinguagens.blogspot.com.br/2009/09/entrevista-2-ajustes-finais.html>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

_____. *Avan (Janaína Gomes)*. Recife, 25 de setembro de 2009. Disponível em: <http://fronteradaslinguagens.blogspot.com.br/2009/09/avan-janaina-gomes.html>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

_____. *Na tela da mente!*. Recife, 30 de janeiro de 2012. Disponível em: <http://fronteradaslinguagens.blogspot.com.br/2012/01/na-tela-da-mente.html>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

ESPACE POUR LA VIE MONTRÉAL. *Missão Biodôme*. [s.a.] Disponível em: <http://espacepourlavie.ca/propos-du-biodome>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

GINWAY, M. Elizabeth. *Ficção científica brasileira*. Tradução Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Devir, 2005.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Tradução Suzana Alexandria. 2ª edição. São Paulo: Aleph, 2009.

OTERO, Léo Godoy. *Introdução a uma história de ficção científica*. São Paulo: Lua Nova, 1987.

SCHOEREDER, Gilberto. *Ficção científica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

SCOLARI, Carlos A. Transmedia storytelling: más allá de la ficción. 2009. Disponível em: <http://hipermediaciones.com/2011/04/10/transmedia-storytelling-mas-alla-de-la-ficcion/>. Acesso 17/06/2012.